

## **Transcrição de entrevista<sup>1</sup>**

**Entrevistado: Marcelo D'Saete**

**São Paulo, 5 de julho de 2021**

**Duração: 2h 04 min**

**Realizado na plataforma online Google Meets**

**Sumaya:** Bom, então boa noite, a todos, a todas, a todes. Nós vamos dar início então ao nosso encontro com Marcelo D'Saete. É uma enorme alegria estar anunciando aqui agora o início desse ciclo de encontros organizado pelos estudantes de licenciatura, com meu acompanhamento e o acompanhamento de Leandro de Oliva Costa Penha, que é doutorando do programa de Pós-graduação em artes visuais. Tem uma equipe enorme participando da organização, um trabalho bastante necessário, né, muito urgente pela nossa avaliação, por isso resolvemos dar início a esse trabalho. Que se volta para as discussões relacionadas às questões étnico raciais, de diversidade e pluralidades com foco no ensino e na aprendizagem da arte. Mas evidentemente não se limitando a esse campo, são questões que ultrapassam de alguma maneira o campo da arte-educação. Na medida em que estamos trabalhando com a formação de professores e de artistas, de verdade é uma questão urgente que nós começamos desde já enfrentar, para que isso possa reverter mesmo em mudanças, transformações na própria universidade, na escola, na sala de aula, na aula de arte, nos currículos. Então muito bem vindo mesmo esse projeto, a gente espera que ele nos traga muitos resultados para além do nosso conhecimento, da formação e da alegria do encontro com os nossos convidados, que ele possa também trazer resultados objetivos, para que a gente, definitivamente, consiga mudar a situação que nós temos hoje, de exclusão, que se dá em vários níveis aí né, de exclusão dessas temáticas, então eu queria agradecer demais ao Marcelo, é uma alegria Marcelo você estar aqui, você ter aceitado abrir esse ciclo, a gente está chamando esse encontro aqui de "Encontro piloto", então você vai marcar aí né essa história desse trabalho, já começou marcando né, já embelezando todo esse processo, tenho certeza que o diálogo vai ser muito rico, e vai nos ajudar mesmo a dar um contorno para esse trabalho. Quero agradecer demais a equipe, a turma de estudantes que se engajou, que fez toda essa maravilha desse encontro, desde o trabalho prático até as minúcias todas que possibilitaram que nós estejamos

---

<sup>1</sup> Para esta transcrição, no sentido de tornar a leitura mais fluida, optei por fazer algumas correções gramaticais pontuais, além de suprimir repetições e reformulações características da oralidade, todas intervenções necessárias para o entendimento.

aqui hoje, ao Estefano e a Mirela que se prepararam muito para fazer essa mediação, e a todos os estudantes que participaram das discussões que foram de verdade discussões preparatórias para chegar nessa proposta, na verdade é um projeto muito maior que esse grupo que está engajado ao projeto, de todo mundo que está de verdade preocupado em trazer né, em pensar em criar, em praticar uma arte-educação mais inclusiva, mais democrática, mais criativa e assim por diante. Então eu agradeço a todo mundo e eu vou chamar o Estefano e a Mirela que vão fazer a mediação e vão fazer a apresentação do Marcelo e de tudo mais. Obrigada a todos os presentes.

**Estefano:** Olá boa noite, gente. Eu sou o Estefano, eu quero dar as boas-vindas a todas as pessoas presentes aqui hoje nesse nosso primeiro encontro, que a gente pretende que seja um de muitos, enfim parte de um ciclo de apresentações e debates onde a gente possa trocar conhecimentos a respeito de temas que ainda são muito invisibilizados na sociedade, dentro da própria universidade como a Sumaya citou nesse começo, essas questões étnico raciais, de gênero e identidade, enfim das próprias interseccionalidades entre essas questões, dentre tantas outras. Esse projeto está sendo idealizado e construído coletivamente pelos alunos da Licenciatura com a coordenação da professora Sumaya Mattar, a quem quero agradecer profundamente por todo apoio que ela tem dado aos estudantes no desenvolvimento deste trabalho e também pela coragem e sensibilidade de trazer essas temáticas pro centro das suas disciplinas no departamento de artes plásticas. Eu gostaria também de agradecer ao Leandro de Oliva Costa Penha, por todo apoio que tem sido essencial pro desenvolvimento do nosso projeto e agradecer meus colegas que eu vou citar aqui que é a Mirella Malagrine Basti que está comigo na mediação de hoje, a Antonia Midená Perrone, Gabriel Samy Gomes, Helena Castelo Zilberstein, Larissa da Cruz Farize, Lia Morena Leirias Correia Barbosa Furquim, Luisa Concelo La Torre, Camila Vasques da Silva, Guilherme Ferreira de Oliveira, Lais Dadio de Moura, Mariana Mendonça Meyer, Thais Yukario Suguyama e Tiago de Jesus Correia. Bom e por fim antes de passar pra Mirela eu quero agradecer imensamente ao Marcelo d' Salette também por ter aceitado nosso convite para essa conversa hoje.

**Mirela:** Oi Pessoal, boa noite. Eu sou a Mirela e eu quero agradecer muito a presença de todos que estão aqui hoje, eu sou mediadora dessa discussão assim como o Estefano, e eu queria começar apresentando nosso primeiro convidado, que é o Ilustrador, autor de história em quadrinhos e educador Marcelo D'Salette. Que é graduado e mestre em artes visuais pela Universidade de São Paulo e foi aluno do CAP Departamento de Artes Plásticas da Escola de

Comunicação e Artes. Sua produção conta com títulos como: “*Noite Luz*” de 2008, “*Cumbe*” publicado em 2014, “*Encruzilhada*” relançado em 2016 e “*Angola Janga*” que saiu em 2018. As suas temáticas conversam entre si trazendo aspectos históricos e sociais principalmente da população negra no Brasil. Em sua trajetória recebeu e foi indicado a vários prêmios como “*Jabuti*”, “*HQ Mix*” e “*Eisner Award*” por exemplo. Também participou de exposições nacionais e internacionais, assim como suas obras foram traduzidas para diversos idiomas, sendo que sua produção “*Cumbe*” foi selecionada pelo PMLD em 2019 e é recomendada como material didático nas escolas em Portugal, frisando como sua carreira artística caminhou como sua carreira como educador. E é com essa pequena introdução e com muito prazer que recebemos o Marcelo D'Saete. Boa noite Marcelo, seja muito bem-vindo, e se você quiser iniciar as suas falas sinta -se à vontade.

**Marcelo:** Olá gente, Obrigado Mirela, obrigado também Sumaya e ao Estefano pela introdução, pela abertura e claro pelo convite também. É um prazer estar aqui falando com vocês, alunos do CAP e ainda mais sendo alunos do curso de Licenciatura, mesmo curso que eu realizei alguns anos atrás. Gente, eu estou falando aqui sem um fone, se por acaso tiver algum problema de áudio vocês me falam, porque aí eu conecto aqui o fone e melhora um pouco. As vezes aqui do lado tem uma galera que gosta de jogar bola, bem próximo e aí pode ecoar um barulho de gol, tá..., mas enfim, saibam que são as pessoas jogando bola aqui fora. Bem, qualquer problema é só falar. É sempre um prazer poder falar com os alunos do CAP, já estive uma outra vez conversando com alunos de um grupo, inclusive de uma comissão, discutindo questões étnico-raciais à alguns anos, isso já faz acho que mais de seis anos, era justamente no momento - acho que no final do ano - era uma comissão que congregava alunos que são de artes plásticas, teatro e música, algo bem interessante. E justamente me chamaram numa semana de eventos junto com outras pessoas para falar sobre essas questões envolvendo educação e um pouco da minha trajetória. E claro, estive presente também há alguns anos, não é Sumaya! Muito obrigado pelo convite inclusive em outra semana de debates que... onde teve diversos, diversas falas de vários convidados, por cerca de um semestre... lá no prédio central da ECA, com organização da Sumaya, da Cris também, não é?! ...

**Sumaya:** Não, foi da Clarissa Suzuki, a Clarissa lembra? Foi o primeiro ciclo né...

**Marcelo:** Sim, isso mesmo. Foi um ótimo evento que rendeu uma grande publicação. Obrigado pelo uso das ilustrações também. É muito bom poder ver aqui alguns rostinhos

conhecidos, deu pra reparar, tem alunos aqui que foram do CAP, a Carol, certo?! está aqui. e outros também que foram estagiários do CAP, o Tiago também está aqui, e essa parceria que a escola de aplicação, que é o local onde eu atuo agora, junto com diversos estagiários tanto do CAP como também da Educomunicação, diversos outros cursos da ECA, é primordial pra gente avançar justamente no ensino de arte educação com os mais jovens, mas também de poder favorecer essa troca, esse contato dos estagiários com os mais novos e claro com a gente, os professores. Muitas vezes a partir dos estagiários é que a gente acaba conhecendo novas estratégias, novas formas, testando também outras coisas, para lidar com os alunos em sala de aula. E esse contato é essencial, a gente sempre espera que os alunos, os estagiários também, aproveitem isso da melhor forma. Bem, meu nome é Marcelo D'Saleta, professor do curso de Artes Visuais da Escola de Aplicação da USP, estou aí já tem um pouco mais de 10 anos agora, cerca de 10 anos, junto com a Kelly Sabino que também é ex aluna do CAP, e temos também a professora Adriana de Teatro e uma professora de Música atualmente a Débora, professora temporária. Eu vou falar um pouquinho sobre essa experiência da Escola de Aplicação, vou falar um pouco sobre a minha experiência envolvendo educação e nesse período de formação do CAP. Os locais por onde eu passei e creio que falarei um pouco também da minha trajetória nos livros e vou tentar costurar isso com o trabalho também com educação ali na Escola de Aplicação. Inicialmente eu tinha pensado nisso, talvez cerca de trinta, quarenta minutos, mas eu imagino que nós podemos fazer aqui algo bem interessante, no sentido também de uma conversa, que vocês, no momento em que acharem interessante, principalmente que está controlando aí a mesa, não é?! Se quiserem perguntar, se quiserem fazer comentários ou mesmo pedir para destrinchar mais determinado tema que tenha interesse do grupo, terei todo o prazer de responder dentro do que vocês estão imaginando. A ideia é realmente que isso seja um pouco mais um diálogo, então eu vou tentar ser um pouco mais sucinto na minha fala, e fiquem a vontade aí com outros questionamentos que vocês tenham sobre isso. A ideia é realmente compartilhar algumas experiências, bem como essa trajetória mais como, vamos dizer assim, uma possibilidade, um caminho que um professor trilhou e que, claro, são caminhos que cada um de vocês vai trilhar o seu, mas de certo modo eu acho que é sempre interessante saber quais foram os percursos que outras pessoas adotaram até chegar nesse ponto nessa profissão e sempre entendendo também que no meu caso, eu considero, avalio que muito do que eu acredito em termos de arte-educação está fortemente vinculado também com a minha produção artística, com o tipo de trabalho que eu abordo nos quadrinhos e nas artes plásticas. Não faço uma separação tão drástica disso, embora inicialmente eu achava, eu tentava separar esses dois mundos, o que é o Marcelo

como educador, o que é o Marcelo como artista, não é?! Como quadrinista e artista gráfico e aos poucos, eu acho que cada vez mais eu vejo a, o entrosamento, o cruzamento, não é?! dessas duas atividades. Bem, no começo dos anos 2000 então, eu ingressei no curso de Artes Plásticas, e no início dele eu já tinha uma clara noção de optar pelo curso de Educação, de Licenciatura em Artes Plásticas, no caso naquele período a gente fazia o primeiro ano geral com todos os alunos, e depois, a partir do segundo ano você escolhia qual era exatamente o seu curso, se era Licenciatura ou Bacharelado, em Pintura, Gravura, Tecnologia e tal. Hoje em dia está um pouco diferente, creio que vocês já entram escolhendo por Licenciatura, é isso Sumaya? e demais.

**Sumaya:** Não, eles - os estudantes - entram em Artes Visuais, aí fazem o ciclo básico de dois anos e depois optam ou pelo Bacharelado ou pela Licenciatura ou pela dupla titulação, que hoje é possível a dupla.

**Marcelo:** Ah.... ótimo, ótimo, então tem a diferença de hoje serem dois anos pra escolha de qual área de atuação

**Sumaya:** Exatamente.

**Marcelo:** Antigamente era um ano apenas.

**Sumaya:** E poder fazer a dupla titulação, que acho que antes não podia.

**Marcelo:** Sim. É ótimo saber que agora tem essa dupla, você pode ter os dois títulos. É algo realmente muito diferente do período quando eu entrei, onde nós tivemos casos muito estranhos, não é?! de alunos que entraram, fizeram bacharelado e depois queriam ter o título de licenciatura e depois tiveram que ingressar novamente, fazer o vestibular novamente para ter a licenciatura, enfim, algo que realmente não faz nenhum sentido, fico muito feliz que isso tenha sido superado agora. Gostaria de agradecer também, enfim, já nesse momento diversos professores que fizeram parte dessa trajetória, dentro do curso de Licenciatura, como a professora Regina, além da Christina Rizzi, mas claro também os professores das outras áreas, a Sonia Chiarelli e muitos outros estudantes também, colegas de curso que pra mim foram extremamente relevantes em termos de uma maior compreensão justamente do meu local dentro do curso de Artes Plásticas e amigos que eu tenho contato até hoje. Inclusive, fica como indicação para que quem sabe no futuro, vocês possam chamar também. E aí não poderia deixar de mencionar o Claudinei, o Claudinei Roberto que é um grande educador, uma pessoa que hoje em dia além de artista, de pintor, tem feito um trabalho muito interessante de curadoria em diversas áreas, trabalhando com diversos artistas, mas preciso destacar uma exposição coletiva que rodou por várias unidades do SESC nos últimos anos

que foi a “*Negritude*”. Uma exposição que eu fazia parte também. Essa exposição teve a curadoria do Claudinei Roberto, o Claudinei ele foi um aluno que ficou muito tempo no curso de Artes Plásticas mas com certeza ele foi alguém que fez um grande diferencial para o curso como um todo, não só para ele, um grande diferencial para nós enquanto estudantes que estavam junto com ele e participamos de muitos debates juntos, ele enriqueceu muito a minha formação aí no curso de Artes Plásticas, recomendo muito que possam, em algum momento, chamá-lo também. Bem, ingressei então no curso de Artes Plásticas no início dos anos 2000, mas é claro eu preciso falar de outra coisa importante que é antes de ingressar no curso de Artes Plásticas, a minha formação, que foi sempre em escolas públicas na zona Leste de São Paulo, antes de vir aqui para a zona Oeste, ela contou com um curso pré-vestibular muito relevante que foi o Núcleo de Consciência Negra que justamente ficava anteriormente próxima da ECA, em frente a ECA e atrás da Faculdade de Economia, da FEA próximo ali do restaurante e hoje em dia não tem mais essa unidade, mas creio que o curso e os encontros do Núcleo de Consciência negra acontecem ali próximo das colmeias, esqueci agora exatamente a unidade onde tem esses encontros do pré-vestibular, mas fica ali próximo das colmeias e do restaurante do CRUSP. O que acontece? o Núcleo de Consciência Negra, ele foi extremamente relevante porque, até então eu vinha de uma família de trabalhadores, a minha mãe trabalhava como enfermeira e professora também em creches, o meu pai eletricitista. Eu não tinha uma formação política, vamos dizer assim, apenas a partir de alguns colegas e do que eu estava vendo em termos de artes, principalmente na música, no cinema e na literatura até aquele momento. Então o Núcleo de Consciência Negra foi um espaço de formação política essencial para que eu me entendesse como indivíduo negro e periférico pobre também dentro dessa estrutura e entrasse dentro do curso de Artes Plásticas sabendo que a minha forma de atuação no curso teria também esse interesse e esse foco. E essa troca foi primordial, tanto para minha trajetória, mas também com outras pessoas com quem eu tive contato no curso e também com os professores. Nesse momento, houve um debate muito rico que aconteceu dentro do curso de Artes Plásticas, onde inclusive comigo, com o Claudinei e outros alunos, nós tivemos reuniões envolvendo outros professores, falando sobre diversas questões relacionadas ao curso de Artes Plásticas, inclusive a ausência de determinados temas que até então a gente não via contemplado no curso de Artes Plásticas, como por exemplo: História da África, ou mesmo outras questões relacionadas a história da arte indígena, africana, periférica e outros. Então havia um questionamento de perguntar porque nós vemos algo assim em um curso fora do departamento de Artes Plásticas e da ECA, eu tive um curso voltado para arte da África no MAE mas não, em momento nenhum dentro da ECA. Porque a

gente vê essa discussão em outros debates, em outros espaços, mas não vê isso dentro da nossa Faculdade? Esse foi um primeiro questionamento que aconteceu com esse momento, isso no início dos anos 2000. Inclusive houve um período muito rico com os estudantes de Artes Plásticas envolvendo os outros cursos também que resultou em algumas publicações, uma série de jornais dos discentes cerca ai de quatro ou cinco unidades e em um deles eu pude escrever justamente sobre isso, falando sobre essas questões que incomodava não somente a mim, mas a outros alunos também. Eu acho que é importante dizer isso, inclusive para professores, mas também para grupos de alunos como vocês para a gente compreender que embora muitas vezes exista certo hiato entre uma geração e outra, geralmente existem discussões que estão sendo feitas a muito tempo. E é muito relevante resgatar esse debate. No início dos anos 2000, no final da década de 1990, Núcleo de Consciência negra também foi um dos passos de debate dentro da Universidade de São Paulo, mas não somente isso, dentro do Brasil como um todo que pautou por exemplo a questão das cotas, ou melhor da Ação Afirmativa nas Universidades Públicas. Por mais que isso tenha acontecido depois de 2003 em outras Universidades, passando por Brasília e também Rio de Janeiro. A Universidade de São Paulo, no final da década de 1990, com alguns militantes como Fernando Conceição que fez o Doutorado dele em Jornalismo na ECA inclusive e outros, eles foram os primeiros a fazer manifestações em defesa de Ações Afirmativas na Universidade de São Paulo. Por mais que a gente saiba que a Universidade de São Paulo tenha sido uma das últimas Universidades a adotar esse tipo de política na sua, enfim política discente de ingresso. Por mais que a USP tenha sido então uma das últimas Universidades, ela foi um dos primeiros espaços a fazer esse debate a partir desses estudantes, desses militantes, a partir dessas pessoas, então esse histórico dessa trajetória nós não podemos perder. E eu falo disso porque a minha trajetória dentro do curso de Artes Plásticas passou por essa discussão também. E se por um lado a gente via determinadas discussões que até então não eram contempladas, e aí é muito importante a gente compreender que havia sim professores interessados a fazer isso, mas isso às vezes não depende somente do interesse de um professor, mas depende de uma ação que é institucional, depende de uma cobrança e de uma pressão que vocês como estudantes podem fazer que é coletiva, entendeu ?! em termos de termos mais cadeiras fazendo esse tipo de debate, em termos de termos mais espaços para fomentar isso nos percursos formativos e de debates e discussões na pós-graduação para que a gente veja isso contemplado também pelos professores e também pelos discentes. Então é todo um sistema que nós precisamos mudar para que de fato isso se transforme em algo, vamos dizer assim, permanente e como um projeto político de mudança dentro de um curso universitário e que é muito diferente, de as

vezes, interesses legítimos, mas interesses que a gente sabe que às vezes acabam se tornando individuais de um professor ou de outro, mas precisamos avançar no sentido de que essa mudança ela tem que ser estrutural, ela não pode ser apenas de um ou outro, iniciativa de um ou outro professor, ela não pode ser apenas uma estratégia que faz com que o professor tenha aquele curso, tenha aquele interesse, aquele debate e realize aquilo durante um ano e quando ele sai por algum motivo, por aposentadoria etc e tal, aquele debate se perca, entendeu?! Isso não pode acontecer e nós estamos em um outro momento para isso. E é claro que o curso de Artes Plásticas, bem como a escolha do curso de Licenciatura eu pude de participar de diferentes debates tanto na educação quanto em outras unidades que eu tenho certeza pra mim foi muito formativo, para além do curso de Artes Plásticas, a minha formação ela passou, e eu acho que nesse caso a Universidade de São Paulo tem algo que é muito característico mas muito positivo também, que é a possibilidade de você trafegar em diferentes unidades/cursos, o meu curso passou tanto pelo MAE, quanto pela FFLCH, em debates na área de história, de sociologia, quanto também em cinema, em teatro e tudo isso para mim foi formativo e foi cada vez mais afirmando um certo interesse, vamos dizer assim, do estudo dessa discussão e desses debates sobre relações étnico-raciais que eu via que estava razoavelmente sendo discutido de algum modo na história, na sociologia, ou mesmo no teatro isso é bem forte também em alguns espaços, mas que até então na área das Artes Plásticas era algo um tanto quanto, vamos dizer assim, menor do que outras discussões naquele momento. Esse debate estava acontecendo em outro espaços, menos ali, e o que eu via era que eu poderia, claro dentro da educação mas também dentro da área da linguagem artística que eu escolhi utilizar dentro dos quadrinhos, trazer parte desse debate, trazer essas discussões, que até então também via muito pouco dentro das histórias em quadrinhos, então a minha experiência dentro do curso de Artes Plásticas ela é um pouco essa confluência de interesses que acontecem a partir de debates que surgem dentro do curso de Artes Plásticas mas também em contato com essas discussões que estavam acontecendo já em outros cursos, então como trazer essas discussões, como amadurecer essas discussões para aprofundar esse debate, tanto em manifestações artísticas no que eu estava me propondo em realizar, mas também como que levar isso claro para área da educação e da arte-educação.

E ai um outro elemento que é essencial nesse período, e ai eu fico muito feliz de relatar isso, é que para além de alguns colegas, para além desse debate rico que estava acontecendo na universidade naquele momento foi de logo quando eu comecei a fazer, um pouco antes, a pensar na finalização do curso em fazer o meu projeto de conclusão de curso eu ja estava lendo um tanto sobre arte afro-brasileira e foi bem no momento também que foi inaugurado o

Museu Afro-Brasil lá no Ibirapuera. Eu cheguei a conhecer, acho que é o Museu Afro-brasileiro que fica lá na Bahia e alguns outros projetos que existem em outros estados, mas aqui em São Paulo o Museu Afro-Brasil ele foi o primeiro projeto de uma envergadura muito maior comparado aos outros museus, vamos dizer assim, temáticos que nós temos no Brasil e com uma proposta inovadora também na forma de debater, de apresentar e de fazer essa discussão e de fazer esses questionamentos. O Museu Afro-Brasil ele tem uma preponderância, uma importância impar nesse momento. As discussões para elaboração do museu começam desde o começo dos anos 2000, e aí vale a gente resgatar a trajetória do Emanuel Araújo. O meu trabalho de conclusão de curso foi sobre o Museu Afro-Brasil e depois o meu Mestrado foi exatamente sobre a curadoria de arte afro-brasileira do Emanuel Araújo. Ele começa o trabalho artístico dele na década de 1970 lá em Salvador - Bahia, ele é de Santo Amaro. Ele se torna curador lá no Museu de Arte da Bahia na década de 1980 e logo depois ele vem aqui para São Paulo, na Pinacoteca de São Paulo, isso começo da década de 1990 e ali ele acaba transformando a Pinacoteca em um grande museu, uma referência internacional, com exposições que vem de fora, com Rodin e diversos outros artistas, o que na época era bem conhecido, que chamava mais atenção, mas vale muito a pena a gente compreender que além disso o Emanuel, ele estava elaborando, ele estava criando exposições já voltadas pra arte afro-brasileira. Isso em 1988 gerou uma exposição que inicialmente foi apresentada no MAM, que é a Mão afro-brasileira e depois isso gerou várias outras exposições menores que aconteceram também primeiramente na Pinacoteca do Estado de São Paulo na década de 1990, eu pude ver algumas dessas exposições por sorte ficava próximo da escola onde eu estudava, que era o Carlos de Campos, a ETEC Carlos de Campos ali no Brás, e logo depois nós tivemos a exposição do Brasil 500 anos, e o Emanuel foi o curador dessa exposição que pensava exatamente na presença negra dentro da arte e da cultura brasileira e depois disso essa exposição do Brasil 500 anos, mais 500 e esse caminho sobre a arte afro-brasileira e negra no Brasil com a curadoria do Emanuel Araújo foi o que permitiu depois a elaboração do Museu Afro-Brasil que vai ser inaugurada em 2003-2004 O museu Afro-Brasil foi muito relevante para me mostrar alguns artistas que até então eu tinha pouco contato, e aí principalmente o trabalho do Rubem Valentim, mas também dos artistas negros da Academia Imperial de Belas Artes, a Rosana Paulino e diversos outros artistas contemporâneos, o Tiago Gualberto, Sidney Amaral, dentre diversos outros e o Emanuel tem uma experiência de curadoria que é bem, vamos dizer assim, diferenciada, inusitada mas é uma experiência muito interessante que acaba amalgamando, acaba sendo uma junção do trabalho dele enquanto artista, enquanto um grande escultor, mas também como curador, e

além disso da atuação dele como colecionador, o trabalho dele de exposição e para quem já viu isso, tem uma mistura disso tudo, é uma encontro dessas coisas todas. Como a gente vê aquele exposição como aquela forma de composição que é muito distante geralmente da forma linear de exposição do famoso cubo branco, a gente vê quase algo que seria da academia imperial do final do século 19, utilizando de cima a baixo do museu, a gente vê uma experiencia que é próxima do trabalho dele como escultor, mas também do trabalho dele como colecionador, e a gente vê algo que acho que não podemos perder de vista, que é bem relevante pensar também que é um pensamento sobre curadoria a partir de uma pessoa que tem uma experiencia do olhar, do ver e uma concepção estética sobre a coleção dele e sobre a forma de organização disso em espaço, que é muito diferenciada também de outros curadores, mas que nem sempre é compreendida. Eu acho que é muito importante a gente ter essa noção, essa compreensão. Compreender mais sobre justamente essa forma de organização e de pensar no espaço de um museu como o museu Afro-Brasil.

Bem, pude acompanhar então muito disso, o museu Afro-Brasil, depois resultou nesse trabalho do Emanuel e no meu trabalho de mestrado, que eu conclui por volta de 2009, quando eu fiz a defesa pelo programa Inter unidades que é vinculado justamente a ECA e também ao CAP, desculpa a ECA, a FEA, a FFLCH e diversas outras unidades. E para além disso eu acabei realizando também um trabalho paralelo como professor. Inicialmente eu fui professor da escola técnica estadual onde eu estudei que é o Carlos de Campos, curso técnico dentro do curso de artes gráficas, curso que na década de 1990 se chamava Design de Comunicação e depois eles mudaram o nome do curso para Design Gráfico. Ali foi a minha primeira experiência como professor, lidando com alunos do ensino médio e tendo ali, vamos dizer, esse desafio de trabalhar tanto com história da arte, mas em outros momentos também com artes gráficas, com elaboração de livros, com alunos do ensino médio em um curso técnico, vamos dizer assim. Na minha formação como educador, grande parte das vezes essas discussões sobre, justamente, história, cultura e arte negra e afro-brasileira diaspórica, ela pouquíssimas vezes aparecia em sala de aula. E creio que isso é uma constante na formação de muitas pessoas, é importante a gente pensar que em 2003 nós temos uma lei que fala sobre isso, a menção ao ensino de arte e cultura afro-brasileira já existe com uma outra redação de certo modo na LDB de 1996, e é muito relevante a gente pensar que mesmo antes disso, isso acontecia pelas práticas dos professores e principalmente de professores vinculados a essa discussão a partir de organizações de militância orgânica, como o MMU, diversos outros coletivos negros no Brasil. São esses coletivos negros que pautavam desde o final, desde o pós abolição, e isso está presente em jornais de coletivos negros a muito tempo,

a importância da educação como algo nevrálgico, a gente tentar rever tanto o que é a história da população negra no Brasil, mas mais do que isso, para a gente repensar a nossa história como um todo e é muito interessante a gente entender que quando a gente fala de arte afro-brasileira, enfim, de trabalhar isso dentro da educação, a gente não está falando de transformar isso em relação a forma como alunos negros podem se ver a partir da educação. É isso sim, mas é muito mais do que isso, a ideia de você trabalhar essa temática, ou melhor, esse universo dentro da educação é uma forma de você rever como o Brasil é pensado, e de você rever, ou melhor, de você compreender que a experiência do Brasil, essa trajetória ela não pode ser compreendida sem essa presença negra no Brasil, se a gente corta isso a gente não entende o que é o Brasil, você vai entender o que é o Brasil, vamos dizer assim, desses 10 % e que é aquele Brasil que geralmente o pessoal compara a Suíça, mas você não vai entender o Brasil como um todo. Então essa lei tem essa importância, mas novamente, ela vem de uma discussão muito grande dos movimentos negros organizados ao pensar a sua história, ao pensar a sua trajetória e a forma como isso tem que ser discutida dentro da educação no Brasil. Outro dia eu estava vendo um texto, um livro da Ligia Ferreira, não sei se vocês conhecem, mas é uma professora acho que da UNIFESP e ela escreveu alguns livros, diversos livros. Ela pesquisa a muito tempo o Luiz Gama, o antigo abolicionista aqui de São Paulo, tem uma obra incrível como poeta, como escritor, advogado. Vão lançar um filme sobre ele inclusive, esse mês. E o Luiz Gama, por volta de 1870, havia alguns cursos para jovens e adultos aqui em São Paulo e ele foi uma das primeiras pessoas a assinar a ata de fundação de um desses cursos voltados para jovens e trabalhadores aqui em São Paulo. A história do Luiz Gama simplesmente acaba trazendo, acaba já mostrando no final do século XIX muitas das preocupações que serão as preocupações do movimento negro no século XX, ele já mostrava justamente esse interesse e essa importância central da educação para a gente pensar uma outra forma de compreender e de imaginar o Brasil. Enfim isso vai acontecer depois também pela Frente negra brasileira na década de 1930, que também tinha uma curso de formação voltado para jovens isso vai ser parte também do curso do TEN - Teatro experimental do Negro, que acontece no final da década de 1940 e começo da década de 1950 como o Abdias Nascimento, e ali a gente tem, novamente, uma junção de dois fatores que são excelentes que é a gente pensar a trajetória do Abdias Nascimento, também da Ruth de Souza que fazia parte do teatro experimental do negro, e novamente, o modo como a educação se mistura, ela está próxima da arte. Nesse Teatro Experimental do Negro na década de 1950, eles estavam começando a trabalhar com diferentes peças de autores nacionais e estrangeiros, trabalharam inclusive com uma peça do Nelson Rodrigues, O Anjo Negro, que

eles escreveram especialmente para o TEN - Teatro Experimental do Negro, e algo que tanto a Ruth quanto o Abdias Nascimento lá naquele momento perceberam era que havia diferentes pessoas, trabalhadores, querendo atuar, querendo trabalhar com teatro, pensar, se repensar a partir da arte, a partir do teatro, vamos dizer assim naquele momento, mas muitas vezes essas pessoas não sabiam ler, eram analfabetos, uma boa parte deles não conseguiam ler os textos de dramaturgia para justamente fazerem as peças. e aí foi a sacada do TEN que é: Vamos fazer um curso de formação, vamos fazer um curso de alfabetização. A formação artística dessas pessoas passa também pela sua formação dentro da educação, a formação integral dessas pessoas envolve a educação e envolve também a arte. Olha só a excelência do pensamento do Abdias do Nascimento naquele momento e do Teatro Experimental do Negro. E aí algo muito relevante de pensar também na trajetória do Abdias Nascimento, intelectual incrível, como a gente falar de certo modo de história da população negra no Brasil do século XX, dos movimentos negros organizados, a gente acaba passando pela trajetória dele, assim como Leila Gonzales, Beatriz do Nascimento e outros. Mas é que para além disso, para além do Teatro experimental do negro, o Abdias foi uma das primeiras pessoas que, por volta de 1978 no Rio de Janeiro, elaborou uma exposição de arte negra, o Abdias do Nascimento além de atuar em um teatro ele também, inclusive, fazia pinturas no final da vida dele, ele foi uma das primeiras pessoas a elaborar um museu de arte negra na década de 1970 no Rio de Janeiro, isso foi pelo menos 10 anos do Emanuel Araújo, tanto na Bahia quanto depois aqui em São Paulo. Ele chegou a fazer um programa dizendo inclusive o que deveria ter nesse museu de arte negra, isso no final da década de 1970. Eu falo um pouco disso quando elaborei minha pesquisa de mestrado, revendo toda essa história do Abdias, para chegar depois no Emanuel Araújo e também algumas outras exposições de arte negra. Então tudo isso para mostrar para vocês como, vamos dizer assim, uma história da arte com diversos personagens, atores, intelectuais, ativistas negros que estão vinculando em diferentes momentos a sua atuação como artistas, mas também a sua atuação como educadores, como pessoas que estão pensando na formação dos mais jovens, como pessoas que estão sabendo que essa formação é essencial, é primordial sem ela nós não conseguimos redesenhar essa nação de uma outra forma, para além de um projeto pautado na discriminação e no racismo. Que tem uma história desde o Brasil colonial, se atualiza no Brasil imperial e mesmo depois da abolição em 1888, que foi um dos primeiros movimentos, embora geralmente as pessoas acabem detratando esse momento do 13 de maio por causa do 20 de novembro, e tem toda uma questão histórica do movimento negro no século XX para isso, não é tirando a importância dessa história, mas o 13 de maio continua tendo uma importância porque o

movimento abolicionista, ele foi um movimento que por volta de 1870 e principalmente em 1880, ele foi um dos primeiros movimentos, vamos dizer assim, amplamente popular na história do Brasil. pegando pessoas de diferentes classes. inclusive também escravizados. Houve uma luta ali pela abolição, que vai muito além do que foi a princesa Isabel, a gente não pode perder de vista também essa luta que envolveu tanto Luiz Gama, como revoltas que aconteceram aqui em São Paulo, em Santo Amaro por exemplo nós tivemos uma revolta com mais de algumas dezenas de negros escravizados lutando pela libertação, o escravizado que coordenava isso se chamava Pio e isso foi uma massacre, eles foram mortos, ali na região de Santo Amaro. Além de várias outras tentativas de revoltas que aconteceram em São Paulo e no interior também, principalmente no interior que era a região mais escravista, que envolvia a região ali de Campinas, enfim, tudo isso para retomar um pouco dessa história e da importância desses debates para a gente repensar isso hoje e de como que isso atravessa a educação, tanto no Luiz Gama quanto também o Abdias Nascimento e outros atores, vamos dizer assim, mais recentes. Bem, eu acho que eu já estou em cima do tempo, não é?! Como é que está? Como que a gente faz?

**Estefano:** Se você quiser a gente pode partir para as perguntas, as pessoas podem enviar para o chat né, e a gente começa uma conversa?!

**Marcelo:** Ta bom, eu posso.... nossa eu não queria tomar tudo aqui, mas só para finalizar, eu posso só falar sobre o projeto da escola de Aplicação?

**Estefano:** Ah sim, com certeza!

**Marcelo:** Sim?! Eu acho que 5 minutos ta? ainda bem que nem comecei a falar dos quadrinhos hein, se não ia tomar mais tempo. Mas vamos lá, depois qualquer coisa é só vocês perguntarem. Eu vou compartilhar uma tela ta bom?! É que realmente falar dessas duas coisas é difícil para mim, ainda não organizei isso, conseguir falar dos dois sem ficar pela metade... Vamos lá, o projeto Negritude la da escola de aplicação é um projeto que existe desde 2005, ele surgiu a partir de uma série de discussões com professores e alunos também por volta de 2004. Naquele momento houve uma discussão ampla e algumas questões apareceram na escola como pontos que deveriam ser debatidos e discutidos no espaço escolar, isso naquele momento fez com que diversos professores se juntassem e pensassem nesse projeto junto com os alunos também. E log do projeto que tem algumas atividades lá é esse "*Negritude-EA.blogspot.com*" O grupo é formado por professores de diferentes áreas então tem professores de Línguas Estrangeiras, Educação Física, de Sociologia e Ensino Fundamental também. Aqui tem algumas imagens de atividades que nos já fizemos na escola envolvendo crianças de diferentes idades, mas que são principalmente jovens do fundamental

1. As vezes são atividades que nós fazemos e outras vezes são atividades que nós fazemos em conjunto com convidados de fora da escola. Algumas questões que fazem parte dos objetivos do projeto, tem a questão da Lei 2.539, depois 11.645 que trata também de arte, história, cultura indígena. A proposta é atuar com isso, com todos os alunos da escola de aplicação do ensino fundamental, então do primeiro ano quando eles entram com 6 anos até o ensino médio. O que mais?! ... A proposta é desenvolver um trabalho que seja interdisciplinar, então pegando diversas disciplinas da escola, tanto de língua português quanto história, mas possivelmente também até da área de exatas, ciências. A ideia é fazer essa atuação unto com os alunos, mas também em diferentes momentos, nós fazemos isso também contribuindo para formação entre os professores, para que isso fortalece essa discussão para que aconteça com os alunos. Esses debates, eles acabam acontecendo muito a partir de um grupo específico de professores, hoje em dia estamos em um grupo com cerca de quatro professores, mais estagiários e bolsistas também. Ao todo a escola tem cerca de cinquenta professores, então esses professores, esse grupo menor vamos dizer assim, eles trabalham com um momento da semana específico para fazer essas discussões e debates. E muitas vezes depois levando essas discussões para os demais professores, bem como auxiliando a pensar em projetos, discussões ou mesmo debater questões que acontecem envolvendo os alunos com os outros professores também. Método de trabalho, Então nós temos algumas aulas temáticas que acontecem no espaço projeto, que é um projeto interdisciplinar, que acontece um dia da semana, hoje em dia isso acontece na quinta-feira, os alunos tem aulas que podem ser diferentes projetos da escolas, então tem projeto negritude, tem o EAPV que fala sobre prevenção às drogas, tem o projeto de sexualidade e gênero, o projeto integridade que fala de violência e diversos outros. Então cada semana um desses projetos entra nessa quinta-feira para fazer uma atividade com os alunos. E claro temos outra coisa na escola que é muito importante, que são os estudos do meio, onde antigamente em condições normais claro, agora a gente está na pandemia passando por esse problema difícil, mas o Estudo do meio era esse espaço onde esse alunos poderiam realizar diferentes atividades fora da escola, as vezes em viagens para o interior, no litoral mesmo de São Paulo ou as vezes até mesmo em outros estados, isso também acontecia no Espaço Projeto a preparação para isso. Alguns eventos especiais como a semana da África em Maio e a semana de Consciência Negra em Novembro. É muito importante que essa discussão não comece e termine em eventos especiais, como por exemplo a Semana da África e a Semana da Consciência Negra, é muito relevante que essas discussões aconteçam em diferentes momentos do ano, e por isso que a gente colocou acima aqui essas aulas temáticas no espaço projeto que justamente são encontros que acontecem em qualquer mês do ano, não

apenas em Novembro. Agora, por outro lado ali na escola nós percebemos que esses eventos que aconteciam em novembro já tinham uma história entorno disso e geralmente a gente aproveitava esses momentos especiais para trazer para a escola convidados, pessoas de fora da escola, pesquisadores, militantes, artistas, músicos, enfim um monte de gente. Isso era muito relevante porque esses momentos especiais marcavam muito na história dos estudantes. Era incrível, as vezes eu ia conversar com um aluno que estava no nono ano ou no ensino médio e falava sobre o projeto negritude e eles lembravam de convidados que eles tinham tido contato desde o fundamental 1, de quatro-cinco anos atrás, então esse tipo de evento para marcar também positivamente é muito relevante. Bem, e a parceria com professores, equipe técnica, docentes e claro bolsistas e outros especialistas também. Grupo de estudos, de leitura e formação de professores.

Esses são alguns cartazes com algumas atividades que nós já tivemos na escola de aplicação envolvendo diferentes pessoas, a Janeide que aparece aqui nesse segundo cartaz é professora da creche central da USP, excelente, ganhou diversos prêmios com os trabalhos dela envolvendo a cultura afro-brasileira, incrível. Aqui algumas fotos dessas atividades.

Essa primeira foto foi com bolsistas realizando visitas em exposições como a exposição Brasil... Afro... desculpa agora eu esqueci o nome da exposição, mas foi uma exposição que aconteceu acho que em 2018-2019 lá no Tomie Otake e também no MASP, uma exposição muito relevante.

**Participante:** Afro-Atlânticos ?

**Marcelo:** Isso Histórias Afro-Atlânticas, isso mesmo, estava aqui justamente procurando o catálogo aqui, grande exposição que a gente foi com diferentes grupos de alunos lá, os bolsistas ajudaram muito a fazer justamente essa mediação de algumas obras como os alunos. Embaixo tem visitas como nessa terceira imagem, com convidados que vinham, a gente teve uma oportunidade de fazer esse contato de convidados que vinham de Moçambique, e às vezes de Angola também. Aqui eles estavam realizando brincadeiras com os alunos, eram pesquisadores que estavam na Faculdade de Educação e se dispuseram a ir até a escola falar com os alunos. Aqui do lado, essa última imagem fotos de exposições coletivas que os alunos fizeram junto com seus familiares às vezes, no caso dos menores, mas focando em personalidades negras e outros temas, mas principalmente aqui em outros temas e a gente expõe isso também na escola. E biografias é algo muito importante a gente trabalhar no ensino, principalmente nos menores, porque dentro dessas biografias nós temos narrativas que são muito acessíveis para os mais jovens e são elementos de debate muito interessantes

também para você começar com os estudantes. ai dali você vai para coisas bem mais profundas inclusive.

Aqui tem diferentes atividades, essa primeira foi com um músico, acho que do Senegal, desculpa agora não estou lembrando o nome dele. A segunda era um grupo de teatro de uma outra escola pública que foi na escola de aplicação apresentar a peça sobre a Carolina Maria de Jesus. Abaixo o terceiro quadro é uma apresentação musical com James Bantu, não sei se vocês conhecem James Bantu mas ele é incrível, ele toca hoje em dia com a banda do Rincon Sapiência, James Bantu e o Rincon são ótimos. E aqui o último, uma oficina de culinária africana com a Janeide e a irmã dela a Janete também. Oficina de turbante, também discussões sobre cabelo crespo, aqui com os alunos maiores do ensino médio algo bem interessante, vocês estão vendo aqui nessa imagem meninos e meninas participaram muito ativamente disso. Uma parte disso vocês podem ver no Blog: "[Negritude-EA.blogspot.com](http://Negritude-EA.blogspot.com)". Aqui, algumas atividades específicas com algumas séries sobre Hip-Hop, sobre Rap, Break, algo que está muito próximo também nas discussões, na mídia e coisas que eles veem na televisão e na música. E aqui uma visita a exposição do Emory Douglas, um dos ativistas dos Panteras Negras, essa exposição aconteceu no SESC Pinheiros, a gente levou também um grupo do ensino médio. Alguns cartazes sobre as panteras negras, uma Contação de histórias indígenas, espaço da nossa biblioteca da escola e murais pela escola também. Outras atividades. Essas são as mais recentes que a gente usou nesse período de pandemia, acho que é isso agora, vamos lá começar a conversa, valeu gente.

**Estefano:** Bom, então... o pessoal está animado querendo ouvir sobre os quadrinhos. Eu acho que não vai ter como fugir muito disso. É... bom se você quiser falar um pouco disso, mas aí eu não sei... eu imagino que você vá abordar esse lado, mas eu poderia já abrir fazendo uma pergunta ... colocando uma pergunta para você. Assim pessoalmente focando nos seus livros "*Cumbe*" e "*Angola Janga*". e que a gente percebe mesmo você tendo um olhar... misturando o ficcional e o histórico que envolveu muita pesquisa histórica pelas referências que você faz pelo próprio desenho, pela arquitetura dos mocambos e engenhos, o vocabulário, da parte linguística, enfim os símbolos que você traz. Então eu queria que se você quiser falar um pouco sobre os quadrinhos e já também talvez falar sobre essa questão de como foi sua pesquisa, suas referências bibliográficas e iconográficas, incluir também aquela questão que você coloca... até essa dificuldade que a gente vê de esses temas estarem na universidade mas eu imagino também que deve ter tido uma dificuldade de você encontrar e acessar materiais também nas suas pesquisas, e se puder falar disso também um pouco.

**Marcelo:** Muito bem, Estefano, obrigado.

Bem o trabalho com os quadrinhos ele vem desde muito pequeno, esse envolvimento com desenho é algo bem antigo para mim. No ensino médio ali no curso de desenho de comunicação/ design gráfico lá no Carlos de Campos, eu acabei decidindo trabalhar com ilustração e também com quadrinhos e depois quando eu entrei no curso de Artes Plásticas eu já estava desenvolvendo alguns trabalhos de quadrinhos, eu vou compartilhar uma tela, ta bom?! Só para ficar mais fácil para ilustrar pra vocês. E aí no curso de Artes Plásticas o que eu acabei fazendo foi me aprofundar ainda mais dentro dessa área dos quadrinhos a partir de alguns colegas quadrinistas e o quadrinho ele tem uma história antiga também nas artes plásticas, na ECA como um todo, a gente não pode esquecer que pessoas como Angélie saíram na ECA, depois nós tivemos os Gêmeos, passando também pelo pessoal do Contínuo que foi uma publicação que surgiu dentro das Artes Plásticas, e eu junto com outros colegas ... apareceu aí ? ... E eu junto com alguns outros colegas, a gente tinha um forte interesse nos quadrinhos, acho que vale frisar o trabalho do Alcimar Frazão também, a gente chegou a fazer alguns eventos de quadrinhos no CAP inclusive, chamando alguns convidados o Keeper foi no CAP falar sobre quadrinhos, Lourenço Mutarelli já foi no CAP num debate junto com a Sonia Salzstein e outros professores. Sim, então tem um histórico aí, tem um lastro de ações que a gente fez na ECA e no CAP nesse momento. Eu comecei publicando quadrinhos na revista Front que era uma revista coletiva com diversos artistas no começo de 2002 - 2003, a publicação já existia desde 1999 e já era no formato de livro o que é uma diferença que vai acontecer no final da década de 90 pros anos 2000, muitas publicações saem lá do formato de revista para banca e começam a ir para livraria em formato de livro e a Front foi uma dessas publicações. A minha publicação foi "Noite Luz" em 2008 com algumas histórias que eram da Front e era nesse momento que eu estava estudando no CAP, depois "Encruzilhada" que é de 2011, esses dois trabalhos muitos urbanos, depois o "Cumbe" que é de 2014 e o "Angola Janga" de 2017. Esses dois trabalhos aqui "Cumbe" e "Angola Janga", eles foram gestados nesse momento quando eu estava finalizando o curso aí no CAP, tinha muito a ver justamente com essa relação com os diversos cursos que eu estava vendo ali, as diversas discussões que eu estava travando ali, e também especialmente com o curso sobre história da população negra no Brasil que aconteceu lá no Núcleo de Consciência negra com o Petrônio Domingues. O livro Cumbe então, ele significa o que? Luz, força e também chama, e também é sinônimo de Calunga, desculpa... que é sinônimo de Mocambo, de Quilombo em diferentes partes da América Latina, na Venezuela esse nome utilizado até hoje para falar sobre Quilombo e Mocambos. E no Brasil nós tivemos um Quilombo, pelo menos um, mas provavelmente houve mais de um na região da Paraíba por volta de 1730 chamado Cumbe,

provavelmente de pessoas que saíram do Quilombo de Palmares, após a destruição de Palmares. Essa discussão então ela começou, inicialmente ali nesse curso do Núcleo de Consciência Negra do Petrônio Domingues, que é um grande pesquisador e claro, eu fui me aprofundando nisso quando estava lá no museu Afro-Brasil... aqui alguns esboços de época ... Eu trabalhei no museu Afro-Brasil e aproveitei, claro, aproveitei a biblioteca do museu para fazer essas discussões, esses debates e aos poucos fui me aprofundando justamente nesse estudo que era, que foi esse conflito de Palmares, mas para além disso eu fui realizando um estudo para entender mais sobre o que era o Brasil colonial naquele período, século XVII, e bem como compreender mais sobre características e outras relações sobre população negra no Brasil para além da escravidão. A gente sabe que a escravidão atravessa essa experiência, mas para além da escravidão existem traços culturais, e vamos dizer assim, outros fatores que são importantíssimos para conseguir depois construir esses personagens, e aí foi muito relevante compreender mais sobre algo que a gente conhece muito, está dentro da história social, que são estudos que vão falar trajetórias, sobre casos mais específicos, vamos dizer assim, envolvendo escravizados no Brasil colonial e principalmente no Brasil no período imperial. E esses casos muito particulares, conflitos envolvendo os próprios escravizados que é o que vai ser o plot dessa primeira história, mas tudo dentro desse contexto colonial escravista, ele foi me chamando atenção para elaboração dessas histórias do Cumbe, dessa primeira publicação, bem como também o livro Angola Janga. Cumbe significa então Sol, Mocambo. Angola Janga é o nome que acreditamos que as pessoas davam para Palmares, as pessoas que estavam dentro de Palmares lá nessa região, aqui é a antiga Capitania de Pernambuco tá bom, e essa mancha seria o local onde estaria Palmares dividido em diversos mocambos e aqui nessa região é onde aconteceu os principais conflitos envolvendo esses grupos dos palmaristas e dos colonos. E quem estava dentro dessa região a gente acredita que utilizava esse nome, Angola Janga, para se referir ao seu próprio local, e aí tem diferentes interpretações para o que seria Angola Janga, algumas pessoas traduzem como "Mini Angola" outras como "Pequena Angola" outras pessoas também dizem que poderia, que Janga poderia está relacionado a Nianga que viria do Kikongo que é uma das línguas de origem bantu ali da região de Angola. Grande parte das pessoas que vem para o Brasil nesse período escravista, são trazidas para cá forçadamente, mais de 70% veio da região do Congo e Angola principalmente Angola, então Janga poderia ser também sinônimo, ou melhor o significado poderia ser "Armadilha",. E aí rapidinho, desatei a falar né?! Eu falei demais já. Mas só para vocês saberem aqui são algumas das fontes que foram primordiais para o estudo, tanto sobre Palmares como também sobre o período escravista, o que ajudou bastante na

elaboração do livro Angola Janga e também do Cumbe. Meu trabalho foi muito ler esses livros, reorganizar essas informações e pensar em como seria possível pensar, elaborar uma ficção a partir desses relatos, a partir dessas discussões, desses debates, desses registros. Vamos dizer assim que foi uma brincadeira, uma brincadeira com a história o que eu fiz. É isso... eu vou deixar um tempo passando, mas podem fazer as perguntas, tá?!

**Mirela:** Oi Marcelo, eu tenho um questionamento também sobre os seus quadrinhos, mas é mais em relação a estética deles. Você faz uma escolha bem pontual de usar sempre o branco e preto nas suas composições e eu queria que você falasse um pouco sobre isso.

**Marcelo:** Certo, Legal, Quem Perguntou?

**Mirela:** Mirela

**Marcelo:** O trabalho, a escolha pelo preto e branco... ela eu acho que vem de certo modo de um diálogo meu, profundo com outros artistas que trabalham muito bem com o preto e branco com esse contraste, vamos dizer assim, e de uma tradição latino americana também muito forte e aí lembrando do trabalho do Munhoz, Brescia, o pai e o filho, assim como outros artistas brasileiros como Fábio Collin e diversos outros que trabalham muito bem com o preto e branco. E o que eu tentei fazer foi algo que eu já tinha uma relação muito forte. Trabalhar com esse contraste com preto e branco, de levar isso para as histórias em quadrinhos e de aprofundar essas possibilidades de trabalhar com apenas esse tipo de contraste, imagino que no quadrinhos, de certo modo, o preto e branco, cinza em alguns casos acaba trazendo todo um universo que muitas vezes você não precisa entrar em mais detalhes para você fazer com que o leitor entre na narrativa, e acabou sendo um pouco isso que eu tentei elaborar dentro dessas histórias. É um pouco algo que ainda está em construção, que eu ainda estou fazendo, que ainda estou desenvolvendo nos trabalhos mais recentes também. Acaba sendo algo que você está em constante busca, sabe? Constante, vamos dizer assim, você está perseguindo aquilo constantemente. acho que é isso.

**Estefano:** Marcelo, a Larissa da Cruz está perguntando como você trabalha com os quadrinhos em sala de aula.

**Marcelo:** Ótimo, O meu trabalho com quadrinhos em sala de aula, inclusive eu comecei uma sequência de quadrinhos agora com os alunos do primeiro ano do ensino médio. Ele tem diferentes níveis de profundidade e mesmo de objetivo que eu realizo com os alunos, às vezes isso acontece no fundamental 1, mas como uma introdução aos quadrinhos e claro no ensino médio isso acontece mais como um momento de aprofundamento maior sobre a linguagem dos quadrinhos, geralmente a gente começa com uma leitura de diferentes livros de histórias em quadrinhos tanto estrangeiras, mas principalmente brasileiras, acho que isso é algo

importante porque muitas vezes os alunos na escola acabam tendo uma relação com o quadrinho, mas principalmente com o quadrinho mais, vamos dizer assim, Mainstream ou seja aquele quadrinho um pouco mais comercial, que as pessoas acessam nas bancas e que tem acesso pela propaganda. E é algo muito interessante, talvez vocês já façam parte dessa relação, para mim foi um choque quando eu comecei a trabalhar com os alunos, talvez a Carol lembre disso, mas era muito engraçado porque eu lembro que uma época, eram alunos do nono ano ou do sexto ano, e eles estavam com alguns mangás na mão e indo para sala de aula com alguns mangás, aí eu "Nossa que legal, você lê quadrinhos!" e aí eles viraram para mim e disseram "Não, não leio quadrinhos" , e eu disse " Como assim ? Você está com um quadrinho na mão!" e ele respondeu "Não, não estou com um quadrinho, e estou lendo mangá!". aí eu fiquei em choque, né, fiquei em parafuso ali. Mas na verdade o que eles estavam me ensinando ali é que: existe uma tradição hoje em dia, de jovens que às vezes leem apenas mangá e não se interessam por outros tipos de quadrinhos e outros que acabam lendo mais de quadrinhos americanos e outros tipos, foi bem curioso isso. Enfim, eu acabo então primeiramente levando para eles uma gama de diversas histórias para eles terem contato. Isso é bem interessante porque, os alunos quando veem, quando eu levo os quadrinhos para que eles possam escolher os trabalhos para lerem, para gente discutir, conversar um pouco sobre as obras, os olhos deles brilham vendo as diferentes possibilidades de desenho, de expressão plástica, de construção da narrativa, uso da cor, de desenvolvimento e dos temas tratados. Isso eu acho muito interessante dos quadrinhos, se aproxima também até do livro ilustrado. A gente não pode perder isso de mente, como a gente trabalha com ensino de arte, que é o quadrinho hoje ele tem uma diversidade de estilos, de possibilidades, de formas de expressão, de construção gráfica que é muito próxima das artes plásticas, dessa investigação e dessa experimentação das artes plásticas e com certeza isso tem a ver também com talvez uma presença até de pessoas que vem também dessa linha de estudo das artes também nos quadrinhos. É justamente essa diversidade de traços e de expressões se torna algo central também, como a gente vai falar sobre quadrinhos e sobre formas de construção do roteiro, de pensar o desenho, mas também de pensar que o quadrinho não exige que você necessariamente saiba desenhar, fazer bem um desenho realista, não, o quadrinho na verdade é uma estratégia' de uma pessoa, de um criador, de um artista que está relacionado geralmente imagem, às vezes com texto, mas também com algo que tem uma narrativa por trás, mas as possibilidades de você trabalhar a partir disso são imensas, são muitas, entendeu ?! Essa riqueza de alternativas é algo que me interessa justamente no ensino dos quadrinhos também. É isso.

**Estefano:** Acho que o Marcelo, você quer fazer uma pergunta, Marcelo? você quer fazer diretamente?

**Marcelo:** Estou mostrando para vocês um passo a passo de algumas coisas que às vezes eu passo para os alunos verem, mas fiquem à vontade para falar.

**Participante:** Acho que tem a pergunta do Paulo que tem tudo a ver Estefano, bem dentro do tema aí.

**Estefano:** Eu vou ler então para o Marcelo. O Paulo diz assim " Em uma entrevista do Ferrez ele fala como os quadrinhos abriram a porta da literatura para ele, quadrinhos para mim também foram a porta de entrada para o hábito da leitura. Como você vê os quadrinhos como ferramenta de ensino e como isso ainda é possível já que quadrinhos tem se tornado artefato de luxo com preços inacessíveis"

**Marcelo:** Muito bem, pergunta de quem?

**Mirela:** do Paulo

**Paulo:** Minha aqui, Paulo.

**Marcelo:** Oi Paulo, ótimo. Olha o que acontece, na década de 80 e 90 nós tínhamos muitos quadrinhos, inclusive brasileiros, nacionais, que iam parar nas bancas de jornal, e alguns de vocês talvez conheçam trabalhos antigos do Angeli, da Laerte, do Luis G, revista Balão, Chiclete com Banana, Piratas do Tietê, que chegavam nas bancas de jornal, e muitas vezes em grandes tiragens de mais de 100 mil exemplares. Isso era um fenômeno incrível, uma publicação brasileira de artistas nacionais, falando de questões para além do humor às vezes e de questões muito brasileiras também. Isso depois veio o plano Color e etc. e tal e acabou com essa brincadeira. Depois veio essa passagem pros anos 2000 e muitos quadrinhos acabaram indo para as livrarias, geralmente num preço mais elevado, por quê? Porque as tiragens são menores também, você não tem como imprimir, a não ser que seja uma grande editora, 100 mil exemplares para mandar pra livrarias do Brasil todo. Então as tiragens passaram a ser muito menores, às vezes de 5, 3 mil, 1 mil exemplares, para algumas livrarias e a partir do que aquilo é vendido, imprime-se mais, entendeu? É uma outra lógica, por um lado tem algo interessante das livrarias, que é: Permite-se que determinado título, determinado artista às vezes fique em exposição nesse espaço da livraria por mais tempo, por anos, entendeu? Na banca de jornal não, às vezes você ia ter uma publicação lá que ficava um ou dois meses, vendeu, vendeu, não vendeu, tchau', entendeu? Eu lembro que no final da década de 90 eu tinha alguns quadrinhos iniciais e comecei a procurar algumas revistas para publicar, para ver se tinham interesse em publicar, lembro que foi na Cyber... acho que o nome era Cyber Comix, uma revista que tinha no final de 90 e outras. Achavam legal e tal,

mas não tinham espaço para publicar, por quê? Porque eram publicações com 60, 80 páginas pequenas então a disputa, o número de artistas para entrar era razoável. Então existia um funil muito grande para saber quem iria ser publicado ou não. Hoje em dia, com as publicações tendo uma tiragem menor, embora por um lado encareça mais o livro sim, mas vamos dizer assim, pro artista permite, é muito mais possível você publicar o seu trabalho desse modo, do que do modo anterior bancas de jornal, entendeu? Então tem esses dois lados, e aí claro, tem uma outra questão também. No começo de 90 final de 80 não havia internet, então as suas opções, as suas formas de entretenimento eram outras. Final de 80 e 90 a gente ia ainda em locadora, pegava VHS, sabe?! Depois veio CD, hoje em dia não, hoje em dia tem streaming, hoje em dia tem jogos, hoje em dia o cinema e muitas outras coisas, então o quadrinho dialoga com universo de entretenimento e de possibilidades de imersão artística muito maior do que a 20, 30 anos atrás e aí por causa disso também as tiragens se tornam menores, isso faz com que o preço seja um pouco maior e acaba chegando nas livrarias nesse valor maior. Agora, por outro lado, também não podemos esquecer que há inúmeros artistas com milhares de seguidores na internet, nas redes sociais, isso desde Facebook até Instagram, Twitter e outros. Que depois de ter muitos seguidores nessas redes, começam a publicar livros impressos. O Leandro Assis, que é o cara que faz junto com outras pessoas o Confinada, eles têm um trabalho muito interessante e é quase 1 milhão de seguidores e é um trabalho que começou a poucos anos na internet. Então esse mundo do entretenimento impresso, mas também virtual, é muito mais complexo do que algumas décadas atrás e isso interfere também na forma como as pessoas consomem isso, se relacionam com isso também.

**Mirela:** Marcelo você gostaria de fazer a sua pergunta? Marcelo Ricci

**Marcelo** (participante): as perguntas estão muito mais no caminho dos quadrinhos, acho melhor continuar assim. Para não quebrar o ritmo, tudo bem?!

**Estefano:** Então você quer falar a pergunta da Antônia, Mirela?

**Mirela:** Pode falar, Estefano!

**Estefano:** A Antônia pergunta assim Marcelo "Se você poderia falar pouco mais sobre como foi seu ingresso no mercado editorial e sobre o momento em que conseguiu realizar suas primeiras publicações"

**Marcelo:** Muito bem. Foi logo depois de entrar no CAP... acho que eu entrei no CAP, se não me engano, foi em 2001 isso. E aí um pouco depois eu estava com algumas histórias já prontas de um amigo. Os primeiros roteiros que eu fiz foram histórias dele, É cineasta também, ele tinha algumas histórias para cinema, para curta metragens, eu quadrinizei essas primeiras histórias isso foi publicado inicialmente na Quadreca. A Quadreca aí da ECA, foi a

minha primeira publicação, depois publiquei um livro infantil também pela Quadreca, o "Duas Casas" e depois comecei a publicar na revista Front, que é uma revista que teve cerca de 17, 18 edições ao total. Uma das revistas mais longevas da história do Brasil em quadrinhos, diferentes autores do Brasil todo, inclusive de fora do Brasil. Algo muito interessante para quem está começando. Participaram de edições Mix, com outras pessoas também. E depois disso, fiz parte do conselho editorial da Front por cerca de 4 anos, depois em 2008 peguei algumas dessas histórias, juntei tudo e se transformou na publicação "Noite Luz", saiu pela editora Via Lettera em 2008 aqui no Brasil, depois de um ano que eles já estavam com o livro. Por curiosidade o livro saiu há um ou dois meses no exterior, saiu em espanhol na Argentina a partir de alguns editores que eu conheci lá pela internet na época, por e-mail. Aí o livro saiu lá primeiro em espanhol e depois aqui no Brasil. Depois disso vieram os outros livros.

Bem, o meu trabalho na verdade sempre foi de criação, vamos dizer assim entre aspas, embora isso seja um conceito um tanto quanto controverso, mas era uma criação autoral, eram interesses que eu tinha por determinado tema, ia desenvolvendo essas histórias e quando o livro estava próximo de ficar pronto, de ter já a configuração com a histórias principais, capa e tal eu ia atrás dos editores, e batia à porta lá "Toc, toc, toc". "E aí, jóia? Beleza? você quer publicar esse trabalho?" Era isso, por sorte, enfim, tive alguns momentos que levei uma porta na cara, isso é normal, acontece com todo mundo, e outros momentos decidiram publicar o trabalho. Os primeiros trabalhos foram praticamente um fracasso de público total. Então se acostumem a isso, é supernormal. E aí depois os últimos trabalhos acabaram tendo um público muito maior do que eu imaginava. Então perseverança é algo fundamental, e é claro todo artista cria uma relação com o seu trabalho, a primeira relação profunda que tem que existir com seu trabalho é de você com seu trabalho, é o de acreditar no seu trabalho, de acreditar na discussão, no universo que você está atuando. A partir disso você vai realizando conto com outras pessoas, independente se isso vai ser importante para 100, 200, 300 pessoas ou milhares de pessoas, o importante é: você tem que ter condução, é a arte que te transforma no artista, é a produção que te transforma no autor. E é claro, com o tempo, a probabilidade de você ter pessoas que admiram de algum modo o seu trabalho é razoável, ou pelo menos você vai estar sendo honesto consigo mesmo.

**Estefano:** Alguém gostaria de fazer alguma pergunta?... Bom, se ninguém quer fazer eu tenho uma. Eu estou com uma edição aqui de ... acho que um dos últimos trabalhos que você fez que é ilustrar uma edição muito boa, estou achando essa tradução do Claudio Willer, de

um livro super importante, é o Clássico discurso sobre o colonialismo de e Aimé Césaire, Queria que você falasse um pouco desse seu trabalho de ilustração.

**Marcelo:** Muito bem. o Aimé Césaire, Discurso sobre o Colonialismo. É um texto incrível publicado em meados do século XX, o Aimé Césaire é um artista martinicano que vai estudar na França e tem contato ali com diferentes pessoas, intelectuais mais antigos e também intelectuais mais novos, que ele vai fazer parte desse debate, dessa discussão. E aí claro gente tem que pensar no trabalho do Frantz Fanon, então o Aimé Césaire junto com o Fanon e diversos outros foram leituras que me transformaram muito desde a época da graduação e dos anos seguintes também e o Rogério de Campos, que é editor da editora Veneta onde eu público também, ele tem uma relação muito forte com esse texto faz tempo e me convidou para fazer essas ilustrações. Inicialmente ele tinha pensado nas ilustrações para o texto e aí aos poucos vendo o texto, pensando também no meu trabalho com quadrinhos, eu propus para o Rogério. Ah, vou pensar em algo um pouco diferente do que seria ilustração convencional de texto. Vamos pensar num diálogo, com esse texto um pouco no formato de algo próximo de um ensaio visual, que tenha algo que me lembra o quadrinho, que é justamente essa narrativa, essa continuidade e trabalhando ali com diferentes conceitos e elementos que aparecem no texto do Césaire. Então toda a questão do Colonialismo, toda a questão da violência colonial e como isso está na cultura, no caso ali ele está tratando isso principalmente na cultura francesa, mas claro na cultura europeia. Em síntese o texto do Césaire tem uma chave muito interessante para compreender o mundo hoje, assim como o Brasil de hoje na pandemia e pensado a partir do governo, e desse elogio a morte e ao assassinato em massa que é o governo atual infelizmente, que é de vincular esse projeto colonial e toda aberração que aconteceu na segunda guerra mundial com o nazismo e Hitler, e dizer que " Olha toda essa violência que vocês estão perplexos na Europa, após a segunda guerra mundial, já era algo que estava sendo gestado, e não apenas gestado, já era algo que estava sendo muito bem realizado, muito bem entre aspas, na África, Oceania, enfim no chamado terceiro mundo, e a gente pode falar de inúmeros massacres que acontecem em cada um dos países africanos, Namíbia, Congo e diversos outros. E toda essa violência colonial é justamente, ela foi aplicada por Hitler na Europa, aí vocês ignoram o que acontece na África, mas enfim, estou fazendo toda essa denúncia, esse debate sobre o que acontece na Europa. Enfim, o Césaire vai falar de várias outras coisas eu tentei trazer parte desses conceitos e dessas discussões para o universo também das artes gráficas dos quadrinhos, colocando ali alguns personagens interessantes para a gente pensar nesse colonialismo, e aí entra o fantasma e alguns outros personagens dos quadrinhos do Tim Tim também, fazem uma ponta

lá e diversas outras questões mais histórias e outras mais atuais também que estão vinculadas a forma como a gente vê a África hoje e a exploração de diversos países da África no passado e no presente também. Em suma é isso.

**Estefano:** Bom, se ninguém tiver mais perguntas acho que a gente já está com tempo...

**Mirela:** Tem uma pergunta no chat do Marcelo, ele escreveu agora. Você quer que eu leia Marcelo? ... "Pensando no ensino da arte, você acha interessante do ponto de vista da consecução plena da 10.639, criar um currículo antropofagia modernista onde o universo da negritude se apropria em si mescla com a cultura eurocêntrica ou buscar a construção de um programa com bases pré-coloniais de forma a incorporar gramáticas africanas mais ancestrais"

**Marcelo:** Interessante, esse debate é importante esse. Olha... eu acho um tanto quanto perigoso, talvez equivocado de tentar pensar nessa identidade africana pré colonial de uma forma às vezes um pouco essencializada, acho que isso é algo que a gente tem que fugir, é algo que nós precisamos compreender sim o que é essa história da África pré colonial, sim, claro isso é importante, mas precisamos compreender que essas identidades não são fixas, essas identidades estão em constante transformação, negociação de uma forma muito porosa, com o que está ao seu lado, no seu entorno. Então isso é algo que eu aprendi muito também a partir do museu Afro-Brasil e das exposições do Emanuel, bem como os vários estudiosos que atuaram com ele. O que é pensar nessa produção afro-brasileira sim, mas a todo momento há conexões com uma cultura que é também indígena e mesmo europeia, e a todo momento essas diversas experiências se retro alimentam, vamos dizer assim. Vou dar um exemplo para vocês do museu Afro-Brasil, durante um bom tempo quando eu trabalhei lá, estava estudando eu tive dificuldade de entender e era do núcleo de festas do museu Afro-Brasil e aí vai falar de Moçambique, de Umbigada, umas imagens, diversos objetos. Aí eu ficava tentando entender aquilo ali, em relação ao candomblé e diversas outras coisas. Por quê? Porque grande parte do que é cultuado nessas celebrações, Moçambique, Umbigada e diversos outros, você tem às vezes os padroeiros que são os santos católicos que fazem parte dessas celebrações, desses cultos. Isso vem de uma longa tradição, que está ligado ao que acontece no Congo desde o século XV pelo menos, a gente tem reis cristianizados no Congo desde o final de 1400. Isso teve uma grande disputa e um grande conflito envolvendo diferentes lideranças e a própria população lá no Congo naquele período, mas essa tradição de algum modo acaba percorrendo o que vai acontecer no Congo depois, com a África e os escravizados que vão para Portugal e uma tradição que depois vem para o Brasil também e isso remete a identidades e personalidades que são cultuadas lá e depois aqui também, por

exemplo a rainha Nzinga que é de Angola, e muitas vezes isso junto com os santos católicos. Aí depois eu fui percebendo que, olha a forma de cultuar esses santos ela não é nada católica, ela não faz parte apenas de uma tradição eurocêntrica, ela é uma forma de cultuar esses santos extremamente africanizada, pela forma eles transformam totalmente o que é esse culto. Ele se torna outro, entende? Então ele é ao mesmo tempo, africano em grande parte, pelo toque, pelos tambores, pela liturgia, pela vestimenta, pela forma toda do culto, embora tenha, às vezes, ali no início um símbolo que é católico, uma cruz, etc e tal. E é muito importante a gente perceber isso, o modo como a forma, às vezes, vai alterar muito ou totalmente aquele culto, aquela celebração. Isso eu acho que está em boa parte do que a gente pensa dessa cultura brasileira, e quando eu falo disso eu não estou querendo dizer que existe uma mistura geral, não. Existem formas de você distinguir quais são os símbolos de cada um desses cultos. Muitas vezes nessas celebrações você, às vezes, começa por exemplo com algo que acontece numa celebração numa data "X" dentro de uma igreja, esse é o espaço cristão, mas depois a festa vai acontecer depois da meia noite em terreiro, e é aí que o "bicho pega", entendeu? E aí é que vem Exu e todos os orixás e tudo mais, de mais brasileiro possível, dentro desse espaço, entende? Então existem momentos e locais, às vezes, diferentes para cada um desses cultos, mas eles não deixam de celebrar toda uma tradição que vem desses cultos afro e muitas vezes indígenas. E justamente saber reconhecer esses trançados todo é um desafio, mas algo importante também para gente pensar hoje também no ensino.

**Estefano:** então acho então chegamos no final, também o nosso tempo já está... bem estourado. Então acho que vamos partir para a finalização. Primeiramente eu quero agradecer imensamente ao Marcelo, muito obrigado por trazer sua arte, suas ideias, suas reflexões, acho realmente muito importante, principalmente nesse ciclo, pelo que a gente pretende dos objetivos que a gente tem nesse ciclo como você mesmo colocou, que é de tentar trazer mudanças, particularmente ao nosso departamento de artes plásticas que ainda, como você falou na sua época todos esses temas ainda incipientes mas sinto dizer que eles ainda são, infelizmente, ainda são pontuais. A gente precisa urgentemente começar transformações, acho que esse ciclo é uma forma da gente começar a construir algo nesse sentido dentro do nosso departamento para expandir isso para ECA, tomara. E agradecer muito as pessoas que estiveram aqui, dizer que a nossa pretensão é que esse ciclo aconteça uma vez por mês. Eu queria passar para Sumaya para ela fazer as considerações dela.

**Sumaya:** Será que a Mirela não quer falar alguma coisa?

**Mirela:** Eu faço minhas as palavras do Estefano, ele falou muito bem. Na verdade, eu tenho dois avisos um pouquinho chatos que eu esqueci de passar logo no início sobre quem

solicitou o certificado quando preencheu aquele formulário, a gente vai mandar o certificado por e-mail. E posteriormente, quem não pode assistir tudo, o pessoal que saiu e não pode assistir tudo enfim, a gente pretende disponibilizar esse vídeo, depois de editado, etc para que o pessoal possa acompanhar direitinho. É isso, agradeço a presença de todos, Marcelo, muito obrigada!

**Sumaya:** Eu quero também agradecer demais Marcelo, você nos permitiu aqui algo fundamental que é abrir uma agenda para discutir todas essas coisas, eu acho que com chave de ouro. Foi muitíssimo rico o seu depoimento, a sua fala. Você foi extremamente generoso, você passou por todas etapas que eu acho que são fundamentais aqui para quem está começando a estudar, para os estudantes que estão no início ainda da sua formação como artista e como professores. E você foi imbricando essas duas instâncias da arte e da educação de uma maneira belíssima, trazendo inúmeras referências, problematizando todas essas questões. Eu acho que agora existe um material riquíssimo, não é?! A nossa ideia é além de fazer a edição desse vídeo, dessa gravação para ser colocada num canal que está sendo criado no *Youtube* para esse projeto. Quer dizer, é um projeto que vai ganhar um canal próprio e essas gravações ficaram lá, nós também estamos pensando, e até vou pedir para o Estefano ou para Mirela explicarem também, fazer uma extensão dessa experiência aqui numa roda de conversa, né?! Vocês querem falar?

**Estefano:** pode falar

**Mirela:** A gente vai se complementando. Bom, a gente pensou a princípio em fazer uma roda de conversa posterior, não no mesmo dia, um pouco depois para que a gente consiga absorver tudo que foi falado, e aí a gente se reúne novamente para conversar sobre tudo que foi discutido aqui, a gente coloca as nossas impressões e continua esse debate mesmo, levar isso além desse momento do encontro.

**Sumaya:** Exatamente, quer dizer, para de verdade criar um processo, um processo de educação, que eu estou chamando de "político-pedagógico" Muito freirianamente falando, estamos chamando de um processo político pedagógico que passe para além das questões interpessoais que atravessam as expressões de racismo e etc. Mas que de verdade gerem mudanças. Acho que foi fundamental, Marcelo, quero te agradecer demais, você já foi meu parceiro, é meu parceiro lá da escola de aplicação, recebe os estagiários, a gente já fez processo juntos, então realmente é te agradecer muito. É muito bonito ver como você, como alguém que passou pelo CAP, cresceu em todos os sentidos, amadureceu é um baita profissional, um baita artista, consegue trazer toda a dimensão, toda complexidade dessa

discussão com uma enorme propriedade, obrigada, mesmo, por todos nós, não só pelo grupo que organizou, mas por todos que estiveram presentes e todos que ainda vão assistir quando a gente conseguir publicar. Obrigada.

**Marcelo:** Muito bem, Obrigado Sumaya. Obrigada Mirela, Estefano pela organização, um forte abraço ai a todos os professores e claro estudantes, o CAP foi essencial para minha formação com certeza, Estou vendo o professor Guti aí também, forte abraço Guti. E a todos os demais, e claro, depois preciso ver Sumaya, se os livros estão disponíveis, depois que tudo isso passar, na biblioteca da ECA, eu acho que tem alguns lá mas depois me fale, eu vou consultar também para deixar todos disponíveis lá para vocês. Obrigado mesmo.

**Sumaya:** Obrigada, e a todas referências dos seus livros foram colocadas também na divulgação e o pessoal pode ir atrás, várias pessoas aqui foram atrás dos livros para se preparar para esse diálogo com você. Quero dizer que, além do Guti, que legal que ele estava aqui, nós tivemos a Silvia Laurentz também estava aqui, a professora que saiu elogiando, tivemos a Adriana Siqueira que foi também sua colega, você lembra dela?

**Marcelo:** Aham

**Sumaya:** E tem pessoas de fora que eu estou achando muito legal, pessoas que não são da USP, do departamento terem vindo te assistir.

**Marcelo:** Que ótimo!

**Sumaya:** Paulo Calvo, por exemplo, que também é artista e eu sei que é seu fã.

**Paulo:** Eu tinha todos os livros dele aqui em casa!

**Sumaya:** tem todos os livros

**Marcelo:** ((risos))

**Sumaya:** E tem várias outras pessoas, então acho que, acho não, tenho certeza que foi uma noite maravilhosa para todo mundo que pode te ouvir.

**Marcelo:** Obrigado, gente!

**Sumaya:** Tchau, gente. Tchau, tchau!

**Marcelo:** Se cuidem

**Sumaya:** Você também! Encerrar a gravação, encerro né gente?!